

EM VERSÃO 2.0: DESENVOLVENDO A AUTONOMIA DO APRENDIZ E A HABILIDADE TRADUTÓRIA POR MEIO DE ATIVIDADES COLABORATIVAS NA INTERNET¹

Elysio Soares Santos Junior

RESUMO: Este trabalho apresenta definições de Web 2.0, aprendizagem colaborativa e autonomia de aprendizagem, que aliadas à importância da tradução no ensino/aprendizagem de LEs, fundamentam uma proposta para o desenvolvimento de um projeto online cujo objetivo é exercitar a habilidade tradutória e o desenvolvimento da autonomia do aprendiz, favorecendo a mediação linguístico-cultural, como prevê o Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas, adaptando as atividades propostas por Cantero Serena e Arriba García (2004) para uso online.

Palavras-chave: Habilidade tradutória, Aprendizagem colaborativa, Autonomia, Web 2.0.

ABSTRACT: This paper defines Web 2.0, collaborative learning and learner autonomy to integrate the use of translation in the TEFL classroom. Furthermore, it provides proper support to carry out an online project to foster translation skills and learner autonomy, as well as cultural-linguistic mediation as stated by the Common European Framework of Reference. In order to achieve this goal, the activities proposed by Cantero Serena e Arriba García (2004) were adapted herein to be used online.

Key words: Translation skills, Collaborative learning, Learner autonomy, Web 2.0.

1. INTRODUÇÃO

Duas questões sobressaltam quando se trata de ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras: a) a dependência ou o comodismo que a prática tem mostrado ser o comportamento mais comum entre os aprendizes de inglês como Língua Estrangeira (LE) com os quais venho lidando há quase dez anos. Essa característica eleva o professor à categoria de mestre, cujo propósito profissional é o de transmitir o saber; e b) a dose de intolerância somada a um ar de incredulidade e aversão que formam a mistura de reações negativas que impregnam o ambiente da maior parte das escolas de ensino de inglês, quando se fala no uso da tradução em sala de aula ou mesmo fora do *habitat* (e do controle) do professor. Tal afirmação carece de base estatística, mas é facilmente verificável ao se perguntar a qualquer professor de inglês como língua estrangeira

¹ Trabalho originalmente apresentado à disciplina: “Tradução no ensino/aprendizagem de LE/L2”, ministrada pelo Prof. Dr. Mark Ridd e, posteriormente revisado e ampliado para inclusão dos aspectos referentes à autonomia na aprendizagem de línguas estrangeiras e apresentado à disciplina: “Autonomia no ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras”, ministrada pelo Prof. Dr. Augusto C. L. de Moura Filho, no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PPGLA) da Universidade de Brasília (UnB/IL).

de conceituadas escolas, centros binacionais e/ou em eventos de divulgação da língua Brasil afora (Braz-TESOL, por exemplo).

Não é a proposta deste trabalho posicionar-se politicamente diante das relações de poder envolvidas nos ambientes físicos de ensino/aprendizagem de LEs, muito menos destacar ou combater a ojeriza ao uso da tradução no ensino de línguas estrangeiras, nem causar polêmica quanto à adequabilidade e pertinência de seu uso, muito menos advogar a promoção da autonomia no ensino/aprendizagem de LEs. Embora reconheça as implicações políticas do uso da tradução, bem como o fomento à autonomia do aprendiz, o foco deste trabalho será na exposição e análise dos motivos que podem levar um professor de línguas estrangeiras a considerar a tradução como parte integrante de seu currículo, buscando desenvolver a autonomia do aprendiz, de modo que aprendam muito mais do que é ensinado em sala. Assim sendo, este trabalho pretende delinear um projeto de execução online, cuja proposta alinhe o uso da tradução e de algumas aplicações Web 2.0, assim contribuindo para que várias habilidades importantes para o aprendiz do século XXI possam ser exploradas e desenvolvidas tais como: habilidade tradutória, capacidade de mediação linguístico-cultural, colaboração e autonomia do aprendiz, tolerância a diferentes opiniões e realidades culturais.

De um modo geral (RIDD, 2003, CANTERO SERENA; ARRIBA GARCÍA, 2004), a tradução, quando exercitada apropriadamente, pode desenvolver a capacidade de mediação linguístico-cultural e ampliar o conhecimento sobre a língua materna (LM) e língua(s) estrangeira(s), contribuindo para uma maior autonomia no uso de ambas. Na verdade, a utilização da tradução não possibilita apenas o desenvolvimento da habilidade tradutória, mas também eleva o grau de conscientização sobre as estratégias utilizadas que favorecem a reflexão e promovem a autonomia do aprendiz.

Ao dar voz ao aprendiz, seu papel (passivo) de receptor de conteúdo desloca-se para o de protagonista de seu processo de aprendizagem. Logo, ao ter sua voz ouvida e reconhecida, o aprendiz investe-se de motivação e inicia sua

jornada por trilhas de aprendizagem² (MOURA FILHO, 2008) que podem ser diferentes, e é natural que sejam, percorridas de acordo com seus interesses, tal qual quando se navega na Internet via hipertexto, pesquisando os assuntos de acordo com interesses pessoais.

Uma palavra final sobre o título deste trabalho. “Em versão 2.0” é uma referência direta a dois termos frequentemente utilizados neste projeto e que permeiam sua proposta de “desenvolver a autonomia do aprendiz e a habilidade tradutória por meio de atividades colaborativas online.” O primeiro deles (versão), refere-se à tradução de LM para LE, considerada neste trabalho como apenas uma das vias possíveis de tradução e, portanto, não será diferenciada do que comumente costuma-se denominar tradução (no sentido da LE para LM), fazendo-se a distinção somente quando necessária, e o segundo termo (2.0), que se refere à Internet social, um modo diferenciado de relacionar-se através da Web, que por suas características enseja a colaboração online e favorece a interação entre os participante e o desenvolvimento de sua autonomia, aspectos que serão melhor descritos ao longo deste trabalho.

2. O CONCEITO DE WEB 2.0

Segundo Preuss (2007) e O’Reilly (2005), o termo Web 2.0 foi criado em 2004 em uma reunião entre a editora O’Reilly e a MediaLive para conceberem um congresso sobre Internet. A princípio, o termo web 2.0 seria usado como estratégia de marketing para divulgar o evento e discutir a nova tendência de serviços oferecidos na internet, no entanto, o termo Web 2.0 passou a ser adotado por instituições e pessoas comuns em todo o mundo para referir-se a aplicações online cujas características principais envolviam conteúdo gerado pelo usuário (CGU), acesso à banda larga (alta velocidade) e significativo aumento na interação e colaboração entre usuários. A ilustração abaixo mostra as diferenças

² Segundo a definição deste autor, “as trilhas de aprendizagem são ações de aprendizagem, estruturadas em recursos disponíveis ou com possibilidades de acesso, organizadas de maneira lógica, porém flexível, e identificadas com as necessidades educacionais dos aprendizes.”

entre a internet em seu início (WEB 1.0) e as novas aplicações e formas de interação entre usuários da Web 2.0:

No entanto, há divergências quanto ao termo. O'Reilly (2005), define Web 2.0 como uma plataforma para a qual algumas aplicações foram criadas, envolvendo intensa colaboração dos usuários como, por exemplo, a enciclopédia virtual Wikipedia³, cuja confiabilidade e riqueza de conteúdo são bem relevantes e seu crescimento se deu em função do conteúdo escrito, revisado e atualizado num esforço de colaboração de usuários de várias partes do mundo.

Apesar de críticas quanto ao uso do termo para designar uma “nova” Internet (GRAHAM, 2005), o presente artigo adota-o tanto pelo grande número de adesões ao termo Web 2.0 e ao que se quer dizer quando se utiliza esse conceito, quanto por concordar com O'Reilly (2005) em sua tentativa de delineá-lo.

3. WEB 2.0 E O ENSINO/APRENDIZAGEM DE INGLÊS COMO LE

A importância da Internet Social (Web 2.0) para o ensino/aprendizagem de LEs reside na forma como ela favorece a interação e a colaboração de modo síncrono ou assíncrono entre aprendizes de LEs de diferentes níveis e diferentes backgrounds⁴ e/ou falantes nativos de qualquer ponto do planeta. Segundo Chapelle (2008) “a tecnologia traz em si formas de comunicação responsáveis por aumentar o contato com a língua e a globalização que, por sua vez, afetam o ensino de línguas.”⁵ (p. 585, tradução minha).

Com a maior utilização e participação de usuários na internet, fazendo uso de aplicações Web 2.0, logo se percebeu sua importância para o ensino/aprendizagem do inglês como LE. Em primeiro lugar, pode-se citar a

³ O conteúdo da Wikipedia (<http://www.wikipedia.com>) passa dos 450 mil artigos em português e somam mais de 2,7 milhões de artigos em inglês. A revista Nature publicou um estudo comparativo entre a Wikipedia e a Enciclopædia Britannica (com 120 mil artigos na versão online, somente em inglês. <http://www.britannica.com>) que demonstra um número muito próximo entre as duas de dados imprecisos na área de ciências. (cf. o site da BBC News sobre esse comparativo <http://news.bbc.co.uk/2/hi/technology/4530930.stm>).

⁴ Histórias de vida, culturas, LMs e toda a gama de variáveis usadas para definir a “bagagem” de uma pessoa.

⁵ Original: “technology underlies forms of communication responsible for increasing language contact and globalization, which in turn affect language education.”

motivação como fator preponderante para o sucesso na relação ensino/aprendizagem de LE, tanto a motivação extríntrica quanto a que “é gerada dentro da sala de aula através da escolha de atividades instrucionais (motivação intríntrica).”⁶ (ELLIS, 2004, p. 536, tradução minha). Outros aspectos também podem ser ressaltados, entre eles: o acesso a diferentes estímulos atingindo alunos com diferentes estilos de aprendizagem (BROWN, 2004; ANTUNES, 2003); a interação com pessoas reais que se utilizam do inglês, levando o aluno a perceber sua importância para a comunicação e ativando seu desejo de se comunicar⁷ (ELLIS, 2004, p. 542); o contato com outros contextos culturais, possibilitando uma revisão de valores e troca de experiências fundamentais, já que “uma língua é parte de uma cultura e a cultura é parte de uma língua”⁸ (BROWN, H. 2007, p. 133, tradução minha).

Destacam-se como fatores importantes para o ensino/aprendizagem de inglês como LE, a colaboração e a interação dos alunos nos projetos que envolvem a Web 2.0 e falantes da LE que não pertencem à unidade “sala de aula”. Lightbow e Spada (1999, p. 44 apud LANTOLF, 2005, p. 336) apontam para o fato de que, de acordo com a teoria sociocultural, “aprendizes [de uma LE] avançam para níveis mais altos de conhecimento lingüístico quando eles colaboram e interagem com falantes da LE que têm mais conhecimento.”⁹

4. CONTRIBUIÇÕES TRAZIDAS PELA WEB 2.0

As trilhas de aprendizagem percorridas pelos aprendizes não são, nem podem ser, definidas pelo professor, pois são, por definição, escolhidas pelos próprios aprendizes. O conteúdo de ensino não pode ser transmitido/adquirido da forma vertical como o ensino tradicional vem reproduzindo há anos, no qual o

⁶ Original: is generated inside the classroom through the choice of instructional activities (intrinsic motivation)

⁷ Original: WTC – willingness to communicate. Definido como “a intenção de iniciar a comunicação, tendo escolha”, no original: the intention to initiate communication, given a choice”

⁸ Original: A language is part of a culture, and a culture is part of a language.

⁹ Original: point out that according to SCT, L2 “learners advance to higher levels of linguistic knowledge when they collaborate and interact with speakers of the second language who are more knowledgeable”

professor é o provedor de conhecimento e seus alunos são meros receptores. O que se pretende com esse projeto, na verdade, é ir bem além da simples transmissão/aquisição de conhecimentos; é libertar o aprendiz para que ele busque aprender ao longo de sua jornada, segundo interesses próprios, interagindo com seus pares e selecionando o que lhe serve ou não, uma vez que a aprendizagem através da Web, conforme as palavras de PAIVA (2001):

[...] é natural e espontânea, pois podemos selecionar os materiais e escolher nossos caminhos de acordo com nossos interesses e motivação. A aprendizagem se dá através de descobertas individuais, de solução de problemas, de tentativas diversas, do fazer e refazer, de acordo com o ritmo de cada um. Mas a web não é apenas um local para se resolver problemas. É um local para apresentar novas idéias, experimentar e criar. (p. 97 – grifos meus)

Desta maneira, percebe-se que a Internet, por meio de aplicações Web 2.0, demonstra ser o ambiente ideal para se conduzir um projeto que vise a desenvolver a habilidade tradutória em aprendizes de inglês como LE, de maneira menos conservadora e “representa um estímulo a abordagens de ensino mais centradas no aluno.” (PAIVA, 2001, p. 97).

Parafraseando Paiva (2001, p. 97) não há como imaginar aonde chegará o aprendiz em seus múltiplos cliques pois, quando se trata de navegação online, o hipertexto favorece conexões inimagináveis a priori; e, apesar de não ser possível prever que caminhos cada aprendiz seguirá, é certo que muito se aprenderá no exercício de suas habilidades, por meio da proposição de atividades intrinsecamente motivadoras e da necessidade premente de trocar idéias com seus pares online.

5. A APRENDIZAGEM COLABORATIVA

A colaboração depende exclusivamente da vontade em auxiliar o outro, do engajamento em um grupo e das contribuições que cada membro do grupo faz, ações que fundamentalmente dependem da motivação. Ao final de seu livro sobre educação a distância, no glossário de termos, Goertler e Winke (2008, p. 292) definem aprendizagem colaborativa como aquela que “ocorre naturalmente a partir

da negociação e interação entre as pessoas”.¹⁰ Há mais de dez anos, Panitz (1997) definiu “colaboração” como “uma filosofia de interação e estilo de vida pessoal no qual os indivíduos são responsáveis por suas ações, incluindo a aprendizagem e respeito às habilidades e contribuições de seus pares”¹¹.

Neste trabalho, adoto o termo “colaboração” conforme a definição de Goertler e Winke (2008, p. 292), acrescida do fator motivacional, i.e., a energia que movimenta a roda da aprendizagem colaborativa. O insumo básico para que haja motivação e o projeto funcione sob essa premissa é simples: dar aos aprendizes o que eles pedem, em outras palavras, trabalhar com a solução de problemas, com a demanda real do grupo, dentro dos temas de preferência apontados pelos participantes em um contexto de solidariedade e parceria que estimule a participação e no qual todos possam aprender colaborativamente.

As definições de colaboração exibidas acima se complementam e muito se aproximam do que se pretende com a autonomia de aprendizagem de um modo geral e difere-se do termo cooperação, definido também por Panitz (1997) como “uma estrutura de interação, com o propósito de facilitar a realização de um objetivo ou produto final específico através do trabalho em grupos.”¹²

Naturalmente, muitas variações sobre os conceitos aqui expostos podem ser encontradas, por essa razão o cuidado com as definições seja constante neste artigo. Não há espaço para discussões mais amplas, pois o foco deste trabalho é a delimitação de conceitos com o objetivo de delinear um projeto online de desenvolvimento da habilidade tradutória através de atividades colaborativas que também sirvam ao propósito de promover a autonomia na aprendizagem de línguas estrangeiras.

¹⁰ No original, “Collaborative learning – Learning as a natural outcome of negotiation and interaction with other people.”

¹¹ No original, “[collaboration] is a philosophy of interaction and personal lifestyle where individuals are responsible for their actions, including learning and respect the abilities and contributions of their peers.”

¹² No original, “[cooperation] is a structure of interaction designed to facilitate the accomplishment of a specific end product or goal through people working together in groups.

6. AUTONOMIA DO APRENDIZ E TRADUÇÃO

O que justifica a proposta de desenvolvimento da autonomia do aprendiz, aliada ao uso de aplicações Web 2.0. em contextos de ensino/aprendizagem de LEs nos quais a habilidade tradutório encontra terreno fértil? Little e Dam (1998) afirmam que “a justificativa pedagógica para que se queira desenvolver a autonomia do aprendiz é que em contextos de educação formal, a reflexão e a autoconsciência produzem uma melhor aprendizagem”. Ao pensar nisso, conjugando as vantagens do desenvolvimento da autonomia na aprendizagem de LEs às atividades de tradução e teremos um aprendiz autônomo, capaz de estudar por meios próprios, sendo capaz de acessar informações na língua-alvo e vir a mediar a comunicação entre indivíduos que não compartilham de elevada proficiência na LE estudada.

No início dos estudos sobre autonomia, nas décadas de 1970 e 1980, o conceito de autonomia aproximava-se do conceito de individualização e/ou independência (BENSON, 2001). Atualmente, o lugar ocupado pela autonomia está longe da imagem de um aprender solitário, no qual o aprendiz desenvolva suas próprias estratégias de aprendizagem e siga por caminhos que o conduzirão a seus objetivos de aprendizagem, para centrar-se muito mais nas necessidades de educação continuada e na independência em termos de desenvolvimento da capacidade de discernir e fazer escolhas sobre o que é importante, tanto em termos de informação quanto ao que se refere às estratégias empregadas para aprender uma LE.

Scharle e Szabó (2000) pressupõem a responsabilidade do aprendiz pela determinação do programa de estudos, temas abordados, metodologia, enfim, tudo o mais que esteja intimamente ligado ao currículo ao se referirem à autonomia. Na verdade, a interrelação entre a responsabilidade e a autonomia, diferenciam-se pelo fato de que o conceito de responsabilidade envolve a implicação de que o aprendiz terá de lidar com as consequências de suas ações. Corroborando a idéia de que a autonomia é essencial para o momento histórico que vivemos, Scharle e Szabó (2000) acrescentam que:

Algum nível de autonomia é também essencial para a aprendizagem de línguas com sucesso. Não importa o quanto os alunos aprendam através das lições, sempre há bem mais que eles precisarão aprender na prática, sozinhos. Ainda, as mudanças de necessidades dos aprendizes irão exigir que retornem à aprendizagem várias vezes em suas vidas: então, uma vez mais, eles precisarão estar aptos a estudar por meios próprios. A melhor maneira de prepará-los para essa tarefa é ajudá-los a se tornarem mais autônomos. (p. 4)

Quando Little e Dam (1998) afirmam que “as salas de aula são ambientes físicos onde professores e alunos têm a oportunidade de se tornarem uma comunidade de aprendizagem.” é fácil perceber a importância tanto do ambiente quanto da aprendizagem colaborativa para as trocas sociais e o desenvolvimento linguístico.

Quando Little e Dam (1998) afirmam que “as salas de aula são ambiente físicos onde professores e alunos têm a oportunidade de se tornarem uma comunidade de aprendizagem.” é fácil perceber a importância tanto do ambiente quanto da aprendizagem colaborativa. A proposta deste projeto, centra-se no uso de ferramentas online, por meio das quais esse ambiente se constrói virtualmente no ciberespaço (LÉVY, 1999).

No que concerne à manipulação das línguas, Little e Dam (1998) mencionam que “quando o foco da aprendizagem é uma língua estrangeira ou segunda, a língua-alvo é em si mesma uma das principais ferramentas com as quais o processo colaborativo ganha forma”. Dessa maneira, a inclusão de tarefas de tradução torna-se um recurso válido e comum, que precisa ser bem trabalhado para que os aprendizes possam utilizá-lo conscientemente, sempre que consultarem dicionários, enciclopédias ou tradutores online para terem acesso à informação que buscam, desenvolvendo a autonomia de aprendizagem e a habilidade tradutória.

Dentre as inúmeras definições de autonomia que a literatura provê, as que mais se aproximam da proposta para a execução desse projeto são dadas por Little e Dam (1998 apud MOURA FILHO, 2005), segundo os quais, a autonomia é vista “não como sinônimo de isolamento, mas como algo que leva em conta a condição de ser social do aprendiz, que o torna dependente do estímulo e conforto

proporcionados pela interação social". Como fica claro pela posição dos autores, o aprendiz é visto como um ser capaz de pensar e decidir por que caminhos seguir, ao mesmo tempo em que faz-se necessário haver interações sociais para que na negociação de tarefas e significados se possa aprender e ensinar. Em uma segunda definição, trazida por Paiva (inédito apud PAIVA, 2001), autonomia é:

um sistema sócio-cognitivo complexo, que se manifesta em diferentes graus de independência e controle sobre o próprio processo de aprendizagem, envolvendo capacidades, habilidades, atitudes, desejos, tomadas de decisão, escolhas, e avaliação tanto como aprendiz de língua ou como seu usuário, dentro ou fora da sala de aula. (p. 5)

Em outras palavras, o que o aprendiz autônomo é capaz de realizar sozinho, embora esteja muito mais ligado à sua motivação para aprender e para buscar respostas, passa, necessariamente, pela conscientização acerca desse processo, pelas estratégias de aprendizagem que adota para resolução de problemas e a discussão entre seus pares em um trabalho colaborativo com vistas a aprender.

Assim sendo, o uso da tradução como atividade cognitiva é parte do repertório dos aprendizes em maior ou menor nível de utilização e de estratégias que permitam verificar se trata-se de uma boa tradução ou não. Como se pode depreender das definições de autonomia acima, a habilidade tradutória só tem a ganhar com o fomento da autonomia nos processos de ensino/aprendizagem de LEs, nos quais as atividades de tradução sejam uma constante.

Essas definições de autonomia são reforçadas pelas teorias sócio-construtivistas por valorizarem a interação social e a construção social do conhecimento, pois o que se busca com a autonomia de aprendizagem, pode-se dizer que esteja intimamente ligado ao que a aprendizagem colaborativa proporciona: interação social e meio-ambiente propício à aprendizagem. Assim sendo, parece ser natural que a Web 2.0 seja o ambiente ideal para a condução de um trabalho que se proponha a integrar aprendizes de diferentes níveis de conhecimento lingüístico-cultural, cada qual contribuindo com sua parcela de conhecimento para o benefício do grupo como um todo.

Sob esse ponto de vista, as atividades de tradução serviriam ao propósito de gerar conhecimento sobre as línguas materna e estrangeira, necessariamente envolvendo a participação de outros aprendizes em um trabalho colaborativo onde

todos aprendem com seus próprios pares.

Os aspectos da aprendizagem abordados até aqui conjugam uma diversidade de conceitos tais como autonomia, aprendizagem colaborativa, tradução e aplicações Web 2.0., cujo fim primeiro é aprender com prazer. Pelo menos é o que se espera atingir com esse projeto.

7. A IMPORTÂNCIA DA HABILIDADE TRADUTÓRIA

Uma das maiores iniciativas no mundo no que tange à harmonização do ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras foi o Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas (CEF), elaborado pelo Conselho da Europa (2001). O CEF “descreve exhaustivamente aquilo que os aprendizes de uma língua têm de aprender para serem capazes de comunicar nessa língua e quais os conhecimentos e capacidades que têm de desenvolver para serem eficazes na sua actuação.” (2001, p. 19). No que se refere à tradução, esta é vista como atividade mediadora:

A competência comunicativa em língua do aprendiz/utilizador da língua é activada no desempenho de várias actividades linguísticas, incluindo a recepção, a produção, a interacção ou a mediação (especialmente no caso da interpretação ou da tradução). Cada um destes tipos de actividade pode realizar-se na oralidade, na escrita, ou em ambas. (2001, p. 35 – grifos meus)

As quatro habilidades tradicionalmente conhecidas no ensino de línguas estrangeiras são: compreensão oral e escrita, expressão oral e escrita. O CEF sugere que habilidades comunicativas sejam agrupadas por estratégias: de produção (tanto oral quanto escrita), de recepção (oral e escrita), de interação e de mediação. Desta maneira, Cantero Serena e Arriba García (2004) chamam a atenção para os fatos de que 1) pela primeira vez a interação é vista como uma atividade específica diferenciada e 2) a mediação eleva-se ao nível das outras atividades comunicativas.

No contexto europeu, é mais do que evidente a necessidade de comunicação entre falantes de línguas diversas em função da variedade de idiomas e devido à localização geográfica dos países membros. Em muitos casos,

a comunicação exige a mediação para ser efetiva, ou seja, quando a língua não é comum a todos os interlocutores, um deles pode vir a mediar a comunicação, fazendo uso, portanto, de sua habilidade tradutória.

No Brasil, a habilidade tradutória poderia não ser tão necessária dada as barreiras geográficas ou, no máximo, sua necessidade envolveria o uso da língua espanhola, maciçamente utilizada nos países da América Latina. No entanto, a habilidade tradutória se faz necessária, principalmente em contextos de ensino-aprendizagem de LEs e não nos de LEs, conforme ratifica Cook (2007, p. 399) ao dizer que muitos aprendizes de inglês não aprendem a língua para se tornarem falantes monolíngues, mas sim para criarem uma identidade bilíngue.

Ao insistir na tradução como quinta habilidade linguística, estamos ratificando o pensamento de Cook (2007) e Ridd (2003), ao se referirem à tradução como uma habilidade esperada de qualquer pessoa que tenha aprendido uma língua estrangeira, além da orientação do Conselho da Europa (2001), cuja preocupação com a mediação linguística é patente. Não se trata apenas de entender a tradução como algo que ocorra naturalmente, mas sim de trabalhar a habilidade tradutória para que sirva de instrumento de mediação, mais do que apenas um uso pontual, que vise à busca de equivalentes isolados ou explicações gramaticais em língua materna como frequentemente ocorre nas salas de aula quando se realizam atividades de tradução. É preciso exercitar a habilidade tradutória para que o aprendiz aprenda, por comparação e contraste, as características tanto da sua língua materna quanto da língua estrangeira que esteja aprendendo e, desta maneira, possa traduzir corretamente intra e extralinguisticamente.

8. A PROPOSTA DO PROJETO

O principal objetivo é o de desenvolver a autonomia do aprendiz e a habilidade de mediação linguística e cultural (habilidade tradutória) por meio da execução de atividades de tradução entre português do Brasil como LM e inglês

como LE, utilizando-se aplicações Web 2.0. Para atingir esse objetivo, pretende-se:

- Desenvolver as microhabilidades de mediação pessoal (oral) e textual (escrita);
- Favorecer e estimular a compreensão e a tolerância a diferenças culturais;
- Favorecer o trabalho colaborativo entre aprendizes de diferentes níveis;
- Reconhecer a língua inglesa como ferramenta de comunicação.

O projeto terá por base os exercícios propostos por Cantero Serena e Arriba Garcia (2004), adaptados para funcionarem de modo online a partir de um espaço virtual inicial (blog, wiki ou similar) com links e propostas de atividades com a utilização de aplicações Web 2.0. Dessa maneira, os próprios participantes trabalharão colaborativamente durante a execução de tarefas comunicativas que promovam o desenvolvimento das habilidades de integração e mediação propostas pelo Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas (CONSELHO DA EUROPA, 2001) e as microhabilidades de mediação conforme Cantero Serena e Arriba García (2004).

Alunos de diferentes faixas etárias e níveis de proficiência participarão em grupos, permitindo que as atividades propostas sejam as mais verossímeis possíveis, alinhando autenticidade de materiais e demanda real, motivação e desafios linguístico-culturais., colaboração e autonomia.

A adequação das atividades ao perfil dos participantes deve ser planejada, pois assim pode-se dar às tarefas um caráter essencialmente realista e que agrade aos participantes, o que é fundamental para o desenvolvimento das habilidades de interação e mediação.

As atividades de tradução podem ocorrer entre a LM (português falado no Brasil) e a LE (inglês), em ambos os sentidos. Os aprendizes podem discutir entre si, construindo traduções em ambas as línguas, tanto a partir do conhecimento prévio de cada um sobre a LM e a LE, quanto recorrendo a outras fontes de consulta e referência (enciclopédias, dicionários, mecanismos de busca e sites de imagens, por exemplo).

As atividades de reexpressão oral são interessantes do ponto de vista da adequabilidade do texto gerado em LM, pois assim pode-se perceber mais facilmente o que “soa” bem em língua portuguesa.

9. TAREFAS DE TRADUÇÃO COM USO DE APLICAÇÕES WEB 2.0

Algumas tarefas de tradução serão descritas a seguir com o objetivo de demonstrar possibilidades de exercícios que desenvolvam a habilidade tradutória, a aprendizagem colaborativa e a autonomia de aprendizagem. Para isso, serão utilizadas algumas aplicações Web 2.0, mas nunca sem deixar claro um alerta: há um número infindável de aplicações desse tipo e a cada dia novas aplicações são criadas e disponibilizadas gratuitamente online. Portanto, é muito útil tentar entender a proposta deste projeto e pesquisar bastante sobre outras maneiras de trabalhar com tradução no ensino/aprendizagem de LEs via Internet.¹³

As atividades propostas neste trabalho envolvem a tradução oral ou escrita com objetivo significativo. Para tanto, as atividades de mediação pessoal (oral) e de mediação textual (escrita), descritas por Cantero Serena e Arriba García (2004), foram adaptadas e aliadas ao uso de aplicações Web 2.0, permitindo a interação online de modo síncrono e assíncrono.

▪ Resumir/Sintetizar – por meio da escolha de materiais autênticos,¹⁴ como, por exemplo, textos que podem surgir em uma sala de bate-papo ou fórum de discussão, os participantes devem resumir a idéia geral do texto. Para isso é importante que discutam sobre a idéia principal a ser comunicada, o que deve ficar de fora ou ser incluído, além de inserir o produto final em uma proposta útil e

¹³ Um bom site para começar uma pesquisa sobre aplicações Web 2.0, muitas das quais são ainda pouco conhecidas, é o <http://www.go2web20.net>. Ao final deste trabalho, encontra-se uma bibliografia de sites que podem ser usados em projetos como esse.

¹⁴ Entenda-se por material autêntico qualquer material criado para outro fim que não o ensino de línguas e em qualquer formato, como por exemplo: trechos de vídeo (filme, comercial, série de TV, trailer etc), vídeos, músicas, audiobooks (livro falado), resenhas, artigos técnico-científicos ou jornalísticos, histórias em quadrinhos ou quaisquer outros gêneros. O importante para este trabalho é a capacidade de transitar entre dois códigos linguísticos diferentes com vistas a desenvolver a habilidade tradutória, logo, basta que o participante seja capaz de entender a mensagem original e de comunicá-la na outra língua de trabalho (de português para inglês ou vice-versa).

significativa, como por exemplo, descrever sucintamente um filme, para que uma outra pessoa que não o assistiu, decida se deve comprá-lo, alugá-lo ou procurar por outro título. Assim sendo, essa atividade incluiria assistir a um filme em uma das línguas de trabalho para, posteriormente, conversar sobre os vários aspectos observados no filme. O grupo elegeria as partes mais interessantes que retratassem bem o filme e falaria a respeito dele. O produto final seria uma síntese oral em videoconferência ou um comentário em um blog especializado em filmes. Dessa maneira, tanto a mediação pessoal quanto a textual podem ser exercitadas.

- Parafrasear – de maneira similar à anterior. A atividade aqui proposta deve manter a idéia central do texto. Os meios utilizados podem ser os mesmo para permitir que os participantes exercitem os dois tipos de mediação. É interessante, por exemplo, pesquisar sites de ONG's ou propagandas políticas com conteúdo ideológico forte para gerar discussão e, conseqüentemente, maior interação entre os participantes, com o cuidado de (sempre) manter a idéia original.

- Comentar – tanto no caso da mediação pessoal quanto textual, um dos melhores meios de se utilizar desta atividade é através da postagem em blogs de interesse do grupo. Assim, pode-se exercitar a mediação textual em reação ao texto autêntico publicado no blog. Para exercitar a mediação pessoal, no entanto, outras aplicações seriam mais apropriadas, por exigir o uso da voz dos participantes.

- Intermediar / Interpretar – excelente atividade para exercitar a mediação pessoal, pois envolve a atuação como intérprete entre dois outros participantes. A grande diferença entre atividades de intermediação e as atividades de interpretação reside no fato de que a primeira envolve negociação, enquanto que a segunda, apenas a tradução, que por ocorrer na modalidade oral da língua, exige maior rapidez de raciocínio e improvisação. Devido ao ambiente proposto para o desenvolvimento deste projeto, o ideal seria envolver pessoas de outros países com a finalidade de intermediar a comunicação de modo mais verossímil possível, o que pode ser um fator impeditivo ou de maior dificuldade. Uma outra

proposta, seria a de convidar pessoas de outros países para um bate-papo online, no qual alguns participantes seriam responsáveis pela tradução online para uma platéia que não entendesse a língua inglesa. Dentro do universo de possibilidades oferecidas pela Internet há muitos projetos sociais envolvidos com trabalho voluntário. Desse modo, a atividade de intermediação cumpriria um papel fundamental no desenvolvimento de atividades sociais, além de favorecerem o ambiente propício para o exercício da habilidade tradutória.

- Tradução – de modo similar, atividades de tradução de textos desenvolveriam a mediação textual. Uma ótima maneira de motivar os participantes a se engajarem na tradução de textos envolveria a participação em projetos como Wikipedia, Projeto Gutenberg¹⁵, de tradução de manuais em PDF ou outros formatos. Uma outra atividade interessante inclui a legendagem de filmes, videoclipes e outros textos autênticos para disponibilização online.

- Adaptação ou Adequação – nesta proposta de atividade, os participantes teriam acesso a um gênero literário de interesse e seriam responsáveis por traduzi-lo, adequando a linguagem a diferentes públicos, como no caso de adaptações de textos originalmente escritos para adultos, mas que se tornaram populares entre crianças e adolescentes.¹⁶

10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo exposto até o momento, ainda há muito espaço para o planejamento de novas atividades. Por se tratar de um projeto em que um dos pilares é a colaboração, é importante salientar, mais um vez, que os participantes precisam se sentir membros integrantes dessa comunidade de aprendizes e motivados a contribuir com seu conhecimento independentemente do grau de conhecimento sobre as línguas de trabalho (LM ou LE) e de sua habilidade tradutória. Mais do

¹⁵ O Projeto Gutenberg (<http://www.gutenberg.org>) abriga milhares de livros eletrônicos (ebooks) digitados por voluntários de todo o mundo, disponibilizando-os gratuitamente para download. Há uma versão em português desse projeto. Qualquer participante poderia traduzir e digitar livros de domínio público para ampliar o acervo.

que um exercício de tradução, este projeto exige que o foco seja no aprendiz e em seus interesses, ao passo que o papel esperado do professor, neste contexto de aprendizagem colaborativa, é o de facilitador e moderador. É importante que o professor seja também um membro integrante deste grupo de aprendizes e com eles compartilhe sua experiência, vivência e conhecimento das línguas de trabalho, mas de modo algum se sobreponha como o detentor do conhecimento ou a pessoa responsável por determinar como devem ser encaminhadas as tarefas.

O aprendizado socialmente construído aliado ao exercício da habilidade tradutória favorecem o desenvolvimento da autonomia do aprendiz de LE e podem torná-lo mais auto-confiante, ampliando seu conhecimento sobre as línguas de trabalho (LM e LE), o que inclui a utilização gramatical, a escolha e a ampliação vocabular, as estratégias de aprendizagem, bem como a noção de adequabilidade de sua produção tanto oral quanto escrita, distanciando-se da tradução que gera aberrações linguísticas, que só contribuem para o aprendizado quando entendidas como tais. Em outras palavras, a tradução no ensino/aprendizagem de LEs, quando bem conduzida, traz muito mais benefícios do que sua não utilização. Na verdade, quando não trabalhada, a tradução é de fato nociva, como apregoam seus destratores, porém, é justamente quando a tradução se torna consciente e é trabalhada que ela pode ser monitorada e a interferência minorada, contribuindo sobremaneira para o desenvolvimento da autonomia do aprendiz.

Apesar disso, é importante notar as trilhas de aprendizagem percorridas por cada participante, procurando orientar, sem determinar, sempre que necessário. O contato com a LM pode levar à fossilização de erros comuns, os quais podem ser evitados ou corrigidos através da exposição a uma atividade que destaque a incoerência do erro ou a inadequabilidade da tradução naquele contexto.

Como projeto, tudo parece bem disposto, fundamentado e pensado para seu sucesso. Contudo, somente a prática, ou seja, o estudo sistematizado dos rumos de tal projeto podem determinar o quanto ele é realmente profícuo e adequado ao ensino/aprendizagem de LEs no Brasil. Cabe a cada professor, dentro de suas limitações técnicas e de tempo, avaliar se vale a pena correr o

risco e propôr atividades inovadoras ou apenas permanecer na zona de conforto, que leva muitos bons profissionais a repetirem, sem questionar, as verdades absolutas sem base científica.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, C. **As inteligências múltiplas e seus estímulos**. 10ª. Ed. Campinas, SP, Papirus: 2003.
- BENSON, P. The history of autonomy in language learning. In: BENSON, P. **Teaching and researching autonomy in Language Learning**. London: Longman, 2001. p. 7-21.
- BROWN, H. D. **Principles of language learning and teaching**. 4 ed. Londres: Pearson Education, 2004.
- BROWN, H. D. Technology in the classroom. In: BROWN, H. D. **Teaching by principles: an interactive approach to language pedagogy**. 3rd. Ed., New York: Pearson-Longman, 2007. pp. 196-210.
- CANTERO SERENA, F.J; ARRIBA GARCÍA, C. DE. Actividades de mediación lingüística para la clase de ELE. **redELE - Revista Electrónica de Didáctica / Español Lengua Extranjera**, 2004. Disponível online em <http://www.mepsyd.es/redele/revista2/cantero_arriba.shtml> acesso em 10 de novembro de 2009.
- CHAPELLE, C. A. Computer assisted language learning. In: SPOLSKY, B. e HOLT, F. **Handbook of educational linguistics**. Malden: Blackwell Publishing, 2008. pp. 585-595.
- CONSELHO DA EUROPA. **Quadro europeu comum de referência para as línguas: aprendizagem, ensino, avaliação**. Coleção Perspectivas Actuais | Educação. Porto: ASA, 2001.
- COOK, G. A thing of the future: translation in language learning. **International Journal of Applied Linguistics**. 17 (2007) 3: 396–401.
- ELLIS, R. Individual differences in Second Language Learning. In: DAVIES, A. e ELDER, C. (Eds.) **The handbook of applied linguistics**. Oxford: Blackwell Publishing, 2004. pp. 525-551.
- GOERTLER, S. e WINKE, P. (Eds.). Opening doors through distance language education: principles, perspectives and practices. **CALICO monograph series volume 7**, Computer Assisted Language Instruction Consortium (CALICO), Texas: 2008.
- GRAHAM, P. **Web 2.0**. Disponível online: <<http://www.paulgraham.com/web20.html>>. 2005. Acesso em 14 de fevereiro de 2009.
- LANTOLF, J. P. Sociocultural and second language learning research: an exegesis. In: HINKEL, E. (Ed.). **Handbook of research in second language teaching and learning**. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 2005.
- LITTLE, D. & DAM, L. **Learner autonomy: what and why?**. Palestra proferida dia 21.II.98, no JALT em 1998, em Omiya, Japão. Disponível online em <<http://jalt-publications.org/tlt/files/98/oct/littledam.html>>, acesso em 7.2.2007.
- MOURA FILHO, Augusto César Luitgards. **Pelo inglês afora: carreira profissional e autonomia na aprendizagem de inglês como língua estrangeira**. Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2005. pp. 6-88.
- MOURA FILHO, A. C. L. Por uma nova maneira de ensinar e aprender uma língua estrangeira. (mimeo) in **Seminário De Lingüística Aplicada**. Por uma nova maneira de ensinar e aprender língua estrangeira, 10, dezembro de 2008, Bahia, Caderno de resumos do X Seminário de Lingüística Aplicada. Bahia: UFBA, 2008.

O'REILLY, T. **What is Web 2.0:** design patterns and business models for the next generation of software. Disponível online em: <<http://www.oreillynet.com/pub/a/oreilly/tim/news/2005/09/30/what-is-web-20.html>>. 2005. Acesso em 14 de fevereiro de 2009.

PAIVA, V. L. M. de O. e. A WWW e o ensino de inglês. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, 2001. 1: 93-116.

PANITZ, T. Collaborative Versus Cooperative Learning: Comparing the Two Definitions Helps Understand the nature of Interactive learning. **Cooperative Learning and College Teaching**, V.8, Nº 2, Winter 1997. Disponível online em <<http://home.capecod.net/~tpanitz/tedsarticles/coopdefinition.htm>>. Acesso em 24 de maio de 2009 (arquivado por WebCite® e disponível online em <<http://www.webcitation.org/5h0mh78jO>>).

PREUSS, J. (2007) **Tutorial:** Entenda a Web 2.0. Disponível online em: <http://wnews.uol.com.br/site/noticias/materia_especial.php?id_secao=17&id_conteudo=352&id_columna=2>. Acesso em 14 de fevereiro de 2009.

RIDD, M.D. Out of exile: A new role for translation in the teaching/learning of foreign languages. In: Sedycias, J. (org.) **Tópicos em Lingüística Aplicada**. Brasília: Oficina Editorial do Instituto de Letras da Universidade de Brasília/Editora Plano, 2000. pp. 121-148.

RIDD, M.D. Um casamento estranhamente ideal? A compatibilidade de gênios entre o comunicativismo e a tradução. **Horizontes de Lingüística Aplicada**, 2 (2003), 93-104.

SCHARLE, A. & SZABÓ, A. Responsibility and autonomy. In: SCHARLE, A. & SZABÓ, A. **Learner autonomy:** a guide to developing learner responsibility. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. pp. 3-10.

ANEXO 1 - Webliografia¹⁷

- <http://www.flickr.com>

Site de compartilhamento de imagens, muito útil para ilustrar textos que podem servir para desenvolver a habilidade tradutória. Alguns usuários utilizam o Flickr com fins pedagógicos, tais como contação de histórias através de imagens, discussões sobre alguma foto jornalística, intercâmbio cultural através de fotografias de diversas partes do mundo.

- <http://www.chatroll.com> e <http://www.ning.com>

Sites que permitem agregar várias características úteis ao projeto em um só ambiente, tais como: sala de bate-papo (chatroom); links para vídeos, músicas e outros sites; armazenamento de arquivos, muito útil quando se quer compartilhar um texto para ser traduzido ou mesmo a primeira versão para ser analisada por outros participantes do projeto.

- <http://docs.google.com>

Permite criar, editar e compartilhar arquivos de texto, planilhas e apresentações de slides, de modo totalmente online, evitando a multiplicação de versões de um texto e a sobrecarga dos sistemas de email.

- <http://www.voicethread.com>

Site que permite que os usuários escrevam comentários ou gravem sua voz, dando continuidade a conversas/discussões em modo assíncrono.

- <http://www.youtube.com> e <http://www.videojug.com>

O primeiro é um já bem popular site de vídeos e o segundo, sob certos aspectos é até bem mais interessante, pois além da disponibilização do vídeo online, há a possibilidade de baixá-lo e assisti-lo em MP4 players, celulares e outros aparelhos que aceitem os formatos oferecidos. Além dessa característica, o Video Jug possui a versão escrita (script) de uma grande variedade dos vídeos, os quais costumam ser divertidos e instrutivos e sobre praticamente qualquer assunto.

- <http://tinychat.com>

Site que cria uma sala de bate-papo simples, mas com possibilidade de usar webcam, microfone e de salvar a conversa.

- <http://www.go2web20.net>

Repositório de sites com características 2.0 já citadas neste trabalho. Vale a pena conferir.

- <http://www.wallwisher.com>

Ótimo site para brainstorming, além de permitir que se coloque vídeos, músicas, links para outros sites e um pequeno texto.

¹⁷ A lista poderia ser muito mais extensa, mas a idéia desta webliografia é apenas a de prover subsídios para o início do trabalho, ficando a critério do professor, avaliar a adequabilidade, o apelo visual e a usabilidade de cada aplicação dentro de seu contexto de trabalho e de acordo com o perfil do grupo participante.

- <http://www.wikipedia.com>

Enciclopédia online, livre e gratuita, com versões em várias línguas. Interessante como opção de uso para buscar textos paralelos e informações culturais tanto na língua materna quanto na língua alvo.

- <http://www.wordnik.com>

Dicionário eletrônico altamente personalizável, com a possibilidade de o usuário criar seus próprios verbetes, com a pronúncia, definição e exemplos.

- <http://www.posterous.com>

Blog host, ou seja, um site que abriga blogs. Sua característica mais interessante é a de permitir que os usuários postem diretamente a partir de seus emails, inclusive com a adição de imagens, links, arquivos de áudio ou vídeo.

- <http://www.pbworks.com> e <http://www.wikispaces.com>

Sites para a criação de wikis. O melhor exemplo do poder das wikis é a própria Wikipedia. Uma wiki permite que os usuários trabalhem colaborativamente e deixem tudo registrado para posterior consulta ou edição.

- <http://www.glogster.com>

Permite criar uma espécie de scrapbook digital. Além do visual muito bonito, permite trabalhar com colagens e contação de histórias. Os projetos podem variar bastante em função da criatividade do usuário.

- <http://www.mixbook.com>

Outro site para contação de histórias ou como álbum de fotos com direito a comentários.

- <http://www.trintuition.com>

Site para a criação de projetos dinâmicos. Muito interessante como ponto de partida.